

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

Como apareceu o medo Jacala, o crocodilo



Rudyard Kipling

3

Esta é mais uma publicação
TAFARA
SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL
Volume 3

- Como Apareceu o Medo
- Jacala, o Crocodilo

1a. Edição: 500 exemplares

Autor: Rudyard Kipling

Capa e Edição: Carlos Alberto F. de Moura

Coordenação: Mario Henrique P. Farinon

Digitação: Norma Beatriz de Oliveira Brito

Tradução: Monteiro Lobato

Ilustração: Christian Broutin e Mariano Ramos

Porto Alegre, RS, 2002

EDIÇÃO IMPRESSA PELA DIRETORIA REGIONAL 2001/2003

Diretoria	Mario Henrique Peters Farinon
Diretoria	David Crusius
Diretoria	Márcio Sequeira da Silva
Diretoria	Ronei Castilhos da Silva
Diretoria	Oswaldo Osmar Schorn Correa

EDIÇÃO DIGITAL DISPONIBILIZADA PELA DIRETORIA REGIONAL 2004/2006

Diretoria	Ronei de Castilhos da Silva
Diretoria	Neivinha Rieth
Diretoria	Waldir Sthalschmidt
Diretoria	Paulo Roberto da Silva Santos
Diretoria	Leandro Balardin

COMITÊ GESTOR

Carlos Alberto de Moura
Marco Aurélio Romeu Fernandes
Mario Henrique Peters Farinon
Miguel Cabistani
Paulo Lamego
Paulo Ramos
Paulo Vinícius de Castilhos Palma
Siágrio Felipe Pinheiro
Tania Ayres Farinon

APRESENTAÇÃO

Na Páscoa de 1998, de 10 a 12 de abril, um grupo de escotistas e dirigentes reuniram-se, em um sítio denominado **TAFARA CAMP**, tomando para si a incumbência de suprir a lacuna deixada pela falta de definição do tema das Especialidades, concebeu e criou o que hoje constitui-se no Guia de Especialidades da UEB.

O mesmo grupo, na seqüência, participou decisivamente na elaboração dos Guias Escoteiro, Senior e Pioneiro.

Visto que este trabalho informal e espontâneo estava tendo resultados positivos, e, entendendo que a carência de instrumentos, principalmente literatura, é um grande obstáculo ao crescimento do Escotismo, resolvemos assumir como missão “disponibilizar instrumentos de apoio aos praticantes do Escotismo no Brasil”.

Este grupo, que tem sua composição aberta a todos quantos queiram colaborar com esta iniciativa, também resolveu adotar o pseudônimo **TAFARA** para identificar-se e identificar a autoria e origem de todo o material que continuará a produzir.

Os instrumentos que **TAFARA** se propõe a produzir, tanto serão originais, como também reproduções, traduções, adaptações, atualizações, consolidações, etc., de matérias já produzidas em algum momento, e que, embora sejam úteis, não mais estão disponíveis nos dias de hoje.

O material produzido por **TAFARA** é feito de forma independente e sem fins lucrativos. Não temos a pretensão de fazermos obras primas, mas instrumentos que possam auxiliar a todos quantos pratiquem Escotismo no Brasil.

Esta edição é feita para registrar e comemorar o Dia do Lobinho de 2002 e reproduz duas histórias do Livro da Selva, de Rudyard Kipling.

Este livro faz parte de uma série de 7 volumes que serão lançados entre 2002 e 2003.

Este é mais um instrumento de apoio a suas atividades.

Aproveite!

Mario Henrique Peters Farinon
Diretor Presidente UEB/RS

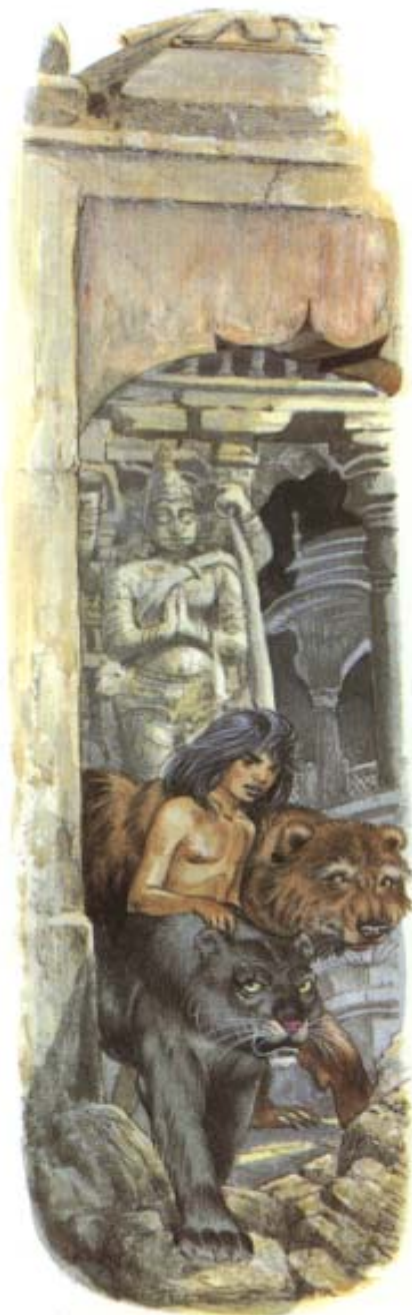


COMO APARECEU O MEDO

O rio é extinto, o lago é escasso.
Nós dois iremos, braço a braço
O flanco imundo, a face quente
Contornaremos a corrente.
Presos os dois de um temor forte,
Sem mais pensar em caça ou morte.
E quando o corço a se esconder
Também vê o lobo a tremer
E o bode eis que vislumbra o dente
Que lhe matou o pai, horrendo.
O rio é extinto, o lago é escasso,
Nós dois iremos braço a braço.
Boa caça a todos. E eis que alaga
A chuva... E quebra a Trégua da Água.

A Lei da Jângal - que é a mais velha lei do mundo - atende a quase todos os acidentes que possam acontecer para o Povo da Jângal; código mais perfeito, o tempo e os costumes nunca fizeram. Os leitores lembram-se de que Mowgli havia passado uns anos de sua vida na Alcatéia de Seonee, aprendendo com Baloo a Lei. Foi Baloo, o urso pardo, quem lhe disse, certa vez em que o menino se mostrava impaciente com as suas constantes recomendações, que a Lei era qual o Cipó Gigante, que quando enleia não larga mais. «Depois que tiveres vivido tanto quanto eu, Irmãozinho, verás que todos os filhos da Jângal obedecem pelo menos a uma lei - e isso não é coisa agradável de ver-se...» dissera o urso.

Essa lição entrou por um ouvido e saiu pelo outro, porque um menino que Passa a vida a comer e a dormir não liga importância a coisa nenhuma antes que algo sério lhe aconteça. Mas dia chegou em que as palavras de Baloo se confirmaram: Mowgli teve ocasião de ver toda a Jângal agindo sob o comando da Lei.



Foi durante um inverno em que as chuvas deram de falhar. Ikki, o Porco-espinho, encontrando Mowgli ao pé duma touceira de bambus, avisara-o de que os inhames selvagens estavam secando. Todos sabem como é Ikki cuidadoso na escolha do alimento, que não toma senão do melhor e do mais maduro. Por isso Mowgli sorriu e disse:

- Que me importa semelhante coisa?

- Nada, *agora*, respondeu Ikki, com os espinhos eriçados dum modo desagradável. Mais tarde, veremos. Dize-me, Irmãozinho, ainda aparece água no fundo da Roca das Abelhas?

- Não. A tola da água se está indo tôda, mas não quero quebrar minha cabeça pensando nisso, foi a resposta de Mowgli, que por aquêlo tempo estava certo de saber mais do que cinco filhos da Jângal somados.

- Mau para ti. Uma rachazinha nessa cabeça sempre permitiria a entrada de alguma sabedoria..., rosnou Ikki, fugindo com o corpo antes que Mowgli lhe puxasse os bigodes.

Mowgli referira ao urso a conversa. Baloo assumiu uma expressão grave e, como falando para si próprio, murmurou:

- Se eu fôsse só, mudava-me destas paragens antes que os outros comecem a fazê-lo. Mas isto de mudar e viver entre estranhos acaba sempre em luta - luta que pode ser nociva ao Filhote de Homem. Esperarei a ver como a «mohwa» floresce.

Naquela estação a árvore da «mohwa», de cujas flores Baloo era ávido, não vingava florescer. Os botões côr de creme, macios como cêra, torravam-se ao calor antes de abertos. Apenas umas tantas pétalas raquílicas tombavam, quando o urso, a prumo nas patas traseiras, vascolejava a árvore.

Polegada a polegada, o asfixiante calor invadia o coração da Jângal fazendo-a a princípio amarela, depois sépia, finalmente negra. Estorricava-se a vegetação que cresce na rampa das ravinas. Lagoas esgotavam-se, transfeitas em lameiros onde os cascos dos animais punham moldes. As trepadeiras sumarentas escorriam das árvores abaixo, murchas, para virem morrer, ressecas, ao pé dos troncos. Bambus feneciam - e zuniam lugubrememente quando os ventos bochornais se coavam por entre suas varas nuas. Os musgos verde-oliva descascavam-se das mais bem abrigadas rochas, deixando-as calvas e quentes como pedrouços do deserto.

Presentindo o que estava para vir, os pássaros e macacos já tinham emigrado para o norte, e dia a dia os cerdos e veados mais se aproximavam das aldeias também cruelmente castigadas; iam morrer de inanição aos olhos de homens muito fracos para persegui-los. Só Chil, o Abutre, engordava. Como havia carriça! Cada tarde vinha êle com o informe, sempre desalentador, de que o sol estava matando a Jângal num círculo correspondente a uma semana de vôo em diâmetro.



Até ali ignorante do verdadeiro sentido da palavra fome, teve Mowgli de recorrer ao mel azêdo, de três anos de idade, tomado de colmeias abandonadas - mel prêto como a amora e pulverulento como o açúcar. Também caçava as vespeiras que se formam sob a casca das árvores, para furtar-lhes as ninhadas de ninfas.

Todas as criaturas da Jângal tinham a pele sobre os ossos; Bagheera poderia abater três gamos por noite sem conseguir refeição que a satisfizesse. O pior, porém, era a falta d'água, porque, se os filhos da Jângal bebem espaçadamente, necessitam beber bastante cada vez.



O calor aumentava sempre, fazendo desaparecer tôda a umidade. Por fim o Waingunga, já muito baixo, tornou-se a única reserva d'água a correr por entre as barrancas mortas - e quando Hathi, o Elefante Selvagem, viu no centro do leito a lombra azulega duma rocha que emergia, reconheceu nela a Roca da Paz. Ergueu, então, a tromba e proclamou a Trégua das Águas, como seu pai havia feito cinqüenta anos antes. Veados, porcos-do-mato e búfalos repetiram seu grito como um eco - e Chil, o Abutre, voou em círculos cada vez mais amplos espalhando no espaço, com pios, o tremendo aviso.

Segundo a Lei da Jângal, é vedado matar nos bebedouros quando a Trégua das Águas vigora. Razão: o beber tem precedência sobre o comer. Os Filhos da Jângal podem cuidar de si de qualquer forma, quando a caça é pouca; mas água é água, e se resta uma só fonte para todos, o caçar torna-se proibido nas horas de matar a sêde. Na boa estação de chuvas abundantes os que descem a beber no Waingunga - ou onde seja - fazem-no com risco da própria vida. Este perigo cria a fascinação da vida noturna. Move-se tão cauteloso que nem uma folha sêca estalide; atravessar as águas nas corredeiras, cujo som permanente absorve todos os ruídos; beber com os olhos alerta e músculos retesos, prontos para o salto da fuga; espojar-se nas margens arenosas e regressar para a Jângal bem disposto, a gozar a admiração dos companheiros, constituem coisas em que os gamos se deleitam justamente porque sabem que dum momento para outro Bagheera ou Shere Khan podem arremessar-se sôbre eles de salto e abatê-los. Agora, porém, toda aquela excitação de vida e morte deixava de existir. Os animais vinham ao bebedouro bambos de magreza

Produzido pela UEB/RS - Edição Impressa: Gestão 2001/2003 - Edição Digital: Gestão 2004/2006
e fome, tigres, ursos, búfalos e javardos juntos, e ali apalermadamente se dessedentavam nas águas sujas, sem ânimo de moverem-se.

Os veados e porcos-do-mato erravam ao acaso o dia inteiro na esperança de algo melhor que cascas mortas e folhas ressecadas. Os búfalos já não encontravam pântanos onde refocilar, nem pasto verde com que encher o bucho. As cobras haviam deixado a Jângal e descido para os rios murchos, na expectativa de apanharem rãs extraviadas. Enrodilhavam-se por longo tempo em torno das pedras nuas, sem sequer darem botes quando o focinho dum porco a foçar o chão as deslocava. As tartarugas de rio tinham acabado todas nos dentes de Bagheera, a mais hábil das preadeiras; os peixes dormiam enterrados no barro inda úmido. E a lomba azulega da Roca da Paz dia a dia avultava, comprida qual dorso de cobra. Quando nelas as ondazinhas da correnteza batiam, a água chiava como em contato do ferro quente.

Para ali veio Mowgli à noite em procura de frescor e saciedade. O mais esfaimado dos seus inimigos não daria tento dê-lo. Sua pele nua o tornava inda mais miserando que os outros viventes. Mowgli tinha a grenha transeita em anagem descorada pelo sol; suas costelas lembravam o vime dos balaios, e os calos dos joelhos e cotovelos, provindos do arrastar-se de quatro, davam a êsses membros o aspecto de varas cheias de nós. O olhar, entretanto, sempre firme e calmo sob as fortes sobrancelhas. É que Bagheera, sua conselheira naquele transe, não cessava de lhe recomendar que agisse com calma, que caçasse em silêncio, que não perdesse o sangue frio.

- Passamos um bem mau tempo, disse Bagheera certa noite de forno, mas tudo se remediará se conseguirmos sobreviver até o fim. Está teu estômago cheio, Filhote de homem?

- Há nêle alguma coisa. Será, Bagheera, que as chuvas se esqueceram para sempre de nós?

- Hão de voltar. A «mohwa» há de florescer novamente e os veadinhos de novo engordarão nos capins rebrotados. Vamo-nos à Roca da Paz ouvir novidades. Trepa ao meu ombro, Irmãozinho.

- Não me parece tempo de carregar pêso. Posso muito bem caminhar por meus pés. Mas... como estamos no fim, Bagheeral...

A pantera correu os olhos pelos seus surrados flancos sujos de poeira e murmurou:

- A noite passada matei um boi na canga. Tão deprimida me sinto, que não o teria atacado se estivesse solto... *Wou!* -

Mowgli sorriu.

- Sim, somos uns grandes caçadores agora! disse mofando. Eu ataco



valentemente..., as ninfas das vespeiras! e, assim falando, os dois mártires da sêca desceram ao leito do rio onde o frouxel duma corredeira se espraíava em várias direções.

- As águas não podem durar muito, disse Baloo, que já lá estava. Olhem. As trilhas que conduzem a êste ponto parecem caminhos abertos pelos homens, de tão batidas.

No plaino que se estendia até longe, o subosque da Jângal morrera de pé, mumificado. A pata dos gamos e porcos batera-o de sulcos poentos e, a despeito do cedo que era, cada um dêsses sulcos se mostrava cheio de peregrinos em procura d'água. Veadinhos e gazelas tossiam dentro dos rolos de pó erguidos pela procissão.

Rio acima, na curvatura do mortiço remanso donde emergia a Roca da Paz, estava Hathi, o Elefante Selvagem, guardião da Trégua das Águas; tinha em redor seus filhos, magérrimos, com as pelancas rugosas inda mais ressaltadas pelo jogo do luar. Balançavam-se lentamente dum lado e doutro, como sempre fazem os elefantes. Abaixo de Hathi, a vanguarda dos veados; mais abaixo ainda, as manadas dos porcos-do-mato e búfalos; do lado oposto, onde as árvores desciam até à orla d'água, os Comedores de Carne - o tigre, os lobos, a pantera, o urso.

- Vivemos realmente sob uma lei, disse Bagheera quando entrou n'água, vendo a galhaça dos veados assustadiços e o rebanho de cerdos que se entreatropelavam. Boa caçada para todos vós do meu sangue, acrescentou, já semi-imerça, com meio corpo no raso. E entre dentes rosnou: Caçada boa têm-na os bons caçadores. . .

Os apuradíssimos ouvidos dos veados apanharam no ar esta última sentença - e um arrepio de medo perpassou pelo bando. «Tréguas, não esquecer que estamos em Tréguas», dizia esse frêmito.

- Paz, paz! grugulejou Hathi, o Elefante Selvagem. As Tréguas estão em vigor. Não é oportuno falar em caçada.

- Ninguém o sabe melhor do que eu, rosnou Bagheera, volvendo rio acima os olhos côm de ouro. Uma simples comedora de tartaruga sou agora, uma pescadora de rãs. *Ngaayah!* Pudesse alimentar-me de ervas...

- «Nós» o apreciaríamos grandemente, baliu um veadinho nôvo, nascido na primavera daquele ano.

Apesar do miserável estado em que os filhos da Jângal se viam, todos sorriram, inclusive Hathi; Mowgli, mergulhado na água morna até aos ombros, riu alto, esparramando espuma, num assomo de alegria.

- Bem dito, botãozinho de veadol rosnou a pantera. Quando as Tréguas



terminarem, lembrar-me-ei favoravelmente da tua agudeza - e nêle fixou os olhos penetrantemente, como para o reconhecer em qualquer tempo.

Bebedouro abaixo e acima, a conversa tinha-se generalizado. Ouviam-se o ronco dos cerdos a abrirem passagem; o resmungo dos búfalos que se bamboleavam ao andar; o vozeio dos gamos a contarem entre si tristes histórias da dolorosa peregrinação em que andavam, na cata do alimento. De quando em quando, um dêles perguntava qualquer coisa aos comedores de carne, do outro lado do rio, mas tôdas as novas eram más. Os ventos bochornais da Jângal persistiam, ululantes, a insinuar-se por entre as rochas, a estalidar galhos, a lançar à água ramos secos e cisco pronto.

- Também os homens estão caindo ao pé dos seus arados, disse um jovem sambhur. Entre o pôr do sol e a noite, vi três mortos. Lá estão ainda e os bois com êles. Imóveis como os vi, breve estaremos nós também,
- O rio continua a baixar, observou Baloo. Ó Hathi, acaso já viste, em tua longa vida, sêca igual a esta?

- Há de passar, há de passar, respondeu Hathi entre dois esguichos que a tromba lançara aos flancos.

- Temos aqui um que não durará muito, disse o urso voltando os olhos pata o menino a quem êle tanto queria.

- Eu? exclamou Mowgli, ofendido, erguendo-se n'água. É verdade que não tenho tapete peludo a cobrir-me o corpo - mas se o tapete que usas, Baloo, vier um dia a vagar...

Hathi deu uma gargalhada, enquanto Baloo, ressentido, advertia com severidade:

- Filhote de Homem, não fica bem dizer isso a um Mestre da Lei. «Nunca» minha pele vagou...

- Não quis ofender-te, Baloo; mas pareces-me um côco na casca, a mim que sou um côco descascado. Se essa tua casca pardacenta vier a vagar...

Mowgli, que estava sentado de pernas cruzadas explicando o que dizia com gestos, não pôde concluir. Bagheera pousara-lhe a pata sôbre o ombro e o afundara de costas n'água.

- De mal a pior, disse a Pantera Negra, enquanto Mowgli se erguia, gotejante. Primeiro tem Baloo de ser depilado; depois virará coco. Então, cuidado que êle não te faça o que os cocos maduros fazem!

- Que fazem? perguntou Mowgli, curioso e em guarda, embora aquela história de côcos fôsse uma adivinhação sabidíssima na Jângal.

- Quebram tua cabeça, respondeu Bagheera, derrubando-o n'água outra vez.





Baloo ainda estava ressentido,

- Não é direito mofar dum velho mestre, disse quando Mowgli mergulhou pela terceira vez.

- Sim, mas que queres? rosnou de súbito uma voz nova. Essa coisinha nua, que tece de cá para lá, gosta de fazer coisas de macaco contra nós, os velhos caçadores, e por brincadeira já puxou os bigodes do mais forte de todos,

Falava Shere Khan, o tigre aleijado que, mancando, vinha de aparecer no bebedouro. Falou e deteve-se um instante para gozar a sensação que sua presença causara entre os gamos da margem oposta. Em seguida pendeu a cabeça quadrada e, lambendo a beijaçaria, rosnou:

- A Jângal transformada em ninho de filhotes nus!... Olha para mim, filhote de homem!

Mowgli olhou, ou melhor, fitou no tigre os olhos com tal insolência que após um minuto Shere Khan baixava a cabeça, incomodado, e - «filhote de homem isto, filhote de homem aquilo» - lá foi resmungando, enquanto bebia. Depois murmurou:

- Filhote de homem? Nem filhote, nem homem. Fosse uma coisa ou outra e teria medo. Neste andar, da próxima vez terei de pedir-lhe licença para beber meu gole d'água. *Augrh!*

- Esse tempo virá, disse Bagheera com os olhos fitos entre os olhos do tigre. Virá, virá. Mas, *faugh*, Shere Khan, que novo crime vens de cometer?

O Aleijado mergulhara n'água as faces das quais escorria algo escuro e oleoso.

- Homem! respondeu Shere Khan friamente, Matei um, não faz uma hora - e continuou a resmungar para si mesmo.

A linha de animais que orlava o rio oscilou. Um murmúrio ergueu-se: «Homem! Ele matou um homem! » E os olhares de todos se dirigiram para Hathi, o Elefante Selvagem, o qual parecia alheio a tudo. Hathi nada fez antes do momento próprio - e é essa uma das razões por que vive tanto,

- Numa estação destas matar Homem! Não haveria outra caça ao alcance? murmurou Bagheera com escárnio, erguendo-se da água ensujecida pelo tigre e sacudindo as patas como fazem os gatos,

- Matei por prazer, não por necessidade, resmungou o tigre, fazendo que os olhos miúdos de Hathi se voltassem na sua direção. Por prazer, repetiu Shere Khan, e agora, venho tomar meu gole d'água e mundificar-me. Será isto coisa proibida?

O dorso de Bagheera principiou a curvar-se qual o bambu dobrado pelo vento, mas Hathi ergueu sua tromba e falou calmamente.

- Mataste por gosto?

Quando Hathi pergunta o melhor é responder.

- Sim. Era meu direito e estava em «minha noite» de caça, tu o sabes, ó Hathi, respondeu Shere Khan, quase cortêsmente,

- Sei, sei, murmurou Hathi. E depois de curto silêncio: Já acabaste de beber?

- Sim, por esta noite.

- Vai-te, então. O rio é bebedouro, não esgoto. Nenhum ser, salvo o Tigre Aleijado, seria capaz de arrotar seus direitos numa estação calamitosa destas, em que todos sofremos juntos, homens e animais. Puro ou impuro, vai para teu covil, Shere Khan!

Estas últimas palavras soaram cortantes, fazendo que os três filhos de Hathi se adiantassem dum passo, embora não houvesse necessidade. Shere Khan retirou-se, não ousando sequer rosar. Sabia - como todos na Jângal sabem - que nos momentos supremos quem diz a última palavra é sempre o elefante.

- Que direito é êsse a que se referiu Shere Khan? perguntou Mowgli ao ouvido de Bagheera, Parece-me que matar Homem é sempre degradante, A Lei o diz, Hathi, entretanto, deixa entender que.,.

- Pergunta-o a êle, que eu não sei, Irmãozinho. Exista ou não exista êsse direito, se Hathi não tem falado eu daria uma lição ao carneiro manco. Vir à Roca da Paz inda fresco da morte dum Homem - e gabar-se! Coisa de chacal. E ainda sujou nossa água. . .

Mowgli criou coragem durante um minuto antes de dirigir-se a Hathi; depois perguntou:

- Que direito é êsse a que se referiu Shere Khan, ó Hathi?

Em ambas as margens sua pergunta foi repetida, porque o Povo da Jângal é curioso e todos acabavam de presenciar algo que nenhum, exceto o pensativo Baloo, parecia compreender.

- Trata-se duma velha história, respondeu Hathi, uma história ainda mais velha do que a Jângal. Guardem silêncio que vou contá-la.

Houve durante um minuto ou dois um empurra-empurra entre os cerdos e búfalos. Os chefes dos bandos logo impuseram silêncio.

- Vamos à história, Hathi.

O elefante adiantou-se na direção da Roca da Paz até ter a água pelos joelhos. Apesar de magro, enrugado e surrado como estava, o vulto de Hathi dizia à Jângal quem ele era - o Mais Forte.

- Sabeis, meus filhos, que nada tememos tanto como o Homem, começou êle com as suas primeiras palavras seguidas dum murmúrio de aprovação.

- Isto é contigo, Irmãozinho, sussurrou Bagheera a Mowgli.

- Por que comigo? Pertenço à Alcatéia - sou um simples caçador do Povo Livre, replicou o menino. Que tenho com os homens?

- E sabeis por que tememos o Homem? prosseguiu Hathi. Ouvi-me. No comêço da Jângal - que ninguém sabe quando foi - nós convivíamos harmoniosamente sem que um tivesse medo do outro. Sêcas não havia nesse tempo. Flores e fôlhas e frutas acumulavam-se nas árvores - e não nos alimentávamos senão de flôres, fôlhas, frutas e cascas.

- Felizmente não sou dessa era, rosnou Bagheera. Cascas me servem apenas para afiar as unhas.

- E o Senhor da Jângal, continuou Hathi, era Tha, o Primeiro dos Elefantes. Fôra a tromba de Tha que tirara a Jângal do seio profundo das águas. Onde fêz êle brechas no solo com as prêsas, aí surgiram rios; onde afundou a terra com as patas, aí se formaram lagos. Quando Tha soprava - assim - árvores vinham

- E não emagreceu a história ao ser recontada, sussurrou Bagheera, fazendo Mowgli esconder com as mãos um riso.

- Naqueles tempos não existia o milho, nem os melões, nem a pimenta - nem se viam as cabanas que vemos hoje. O Povo da Jângal ignorava o Homem. Constituía uma grande irmandade amiga. Breve, porém, surgiram disputas a respeito de comida, embora a abundância de alimento vegetal desse para todos. Preguiçosos que eram, cada qual queria comer no próprio lugar onde estava, como fazemos hoje quando as chuvas da primavera vêm abundantes. Tha, o Primeiro dos Elefantes, vivia ocupado em criar novas florestas e em abrir leitos para novos rios. Como não pudesse estar ao mesmo tempo em toda a parte, fêz do Primeiro dos Tigres o mestre e juiz da Jângal, ordenando que todos lhe submetessem as suas queixas. Naquele tempo o Primeiro dos Tigres comia ervas e frutas como os demais. Era grande como o sou eu e belo de cor - tinha a côr das trepadeiras amarelas. Nenhuma listra ou pinta manchava a sua pelagem macia. Todos os animais vinham à sua presença sem receio nenhum. Sua palavra fazia lei. Éramos, lembrai-vos, um povo só.

«Certa noite houve disputa entre dois gamos – disputa a respeito de pastagem, como estas de hoje, que se resolvem a coices e chifradas. Os briguentos vieram à presença do Primeiro dos Tigres, que os atendeu de dentro dum tufo de flores. Durante os debates um dos gamos o marrou com o chifre - e, esquecido de que era o juiz, o Tigre lhe quebrou o pescoço com um valente munhecação.

«Até aquela noite nenhum de nós havia morrido. Desconhecíamos a Morte, e o Primeiro dos Tigres, vendo o que havia feito e sentindo-se alucinado pelo cheiro do sangue, correu a mergulhar-se nos pantanais do Norte. Ficamos sem juiz e as disputas recrudesceram. Tha, ouvindo de longe o barulho da desordem, voltou. Disseram-lhe uns isto, outros disseram-lhe aquilo, mas Tha percebeu o cadáver do gamo no tufo de flores e indagou quem o matara. Ninguém respondeu. Estavam tados endoidecidos pelo cheiro do sangue, a rondar com meneios de cabeça em redor do tufo. Tha, então, deu ordem aos cipós e árvores de galhos baixos que margeiam as trilhas para que marcassem o matador, de modo que pudesse ser sempre reconhecido. Depois disse: «E quem quer agora ser o chefe do Povo?» O Macaco Gris saltou dos galhos onde vivia e respondeu: «Serei êsse chefe». Tha sorriu e disse: «Assim seja» - e retirou-se, suspirando.

«Meus filhos, todos vós conheceis o Macaco Gris, que era então o que hoje é. No comêço havia arranjado uma cara muito sisuda; depois deu de coçar-se e pular. Quando Tha de novo regressou, veio encontrá-lo de cabeça para baixo, pendurado pela cauda num ramo, fazendo micagens para o Povo da Jângal, que por sua vez caçoava dêle. Tinha assim desaparecido a Lei, substituída por palavrório tolo e sem sentido.

«Então Tha nos chamou e disse: «O primeiro chefe que vos dei trouxe a Morte



para a Jângal e o segundo a Derrisão. É tempo de terdes uma Lei que não possa ser quebrada. Será ela o Mêdo. Quando tiverdes encontrado o Mêdo, vereis que é êle realmente o vosso chefe supremo», E então o Povo da Jângal perguntou: «Que é o Mêdo?» E Tha respondeu: «Aprendeí-o por vós mesmos. Procurai-o», E então o Povo da Jângal espalhou-se em procura do Mêdo. Certo dia os búfalos...»

- *Ugh!* espirrou Misa, o chefe da manada de búfalos.

- Sim, Misa, os antepassados dos teus búfalos de hoje. Apareceram os búfalos com a notícia de que em tal gruta, no seio da floresta, morava o Medo - uma criatura sem pêlo no corpo e que andava de pé. O Povo da Jângal seguiu de rumo à gruta, em cuja entrada encontraram o Medo, de pé e nu de pêlos, como disseram os búfalos. Assim que nos viu chegar, gritou - e sua voz nos encheu do mesmo medo que hoje nos causa sempre que a ouvimos. Corremos em desabalada fuga porque estávamos com medo, e aquela noite, conforme sei, não nos deitamos sossegados e em comum, como até ali vínhamos fazendo. Separamo-nos por tribos, cerdos dum lado, gamos de outro - chifre com chifre, casco com casco e assim ficou.

«Únicamente o Primeiro dos Tigres lá não fora porque vivia nos pantanais do Norte. Quando soube do que tínhamos encontrado na gruta, disse: «Irei ver essa Coisa nua e lhe quebrarei o pescoço». Disse e fez. Andou tôda uma noite em procura da covanca, e foi então que as árvores e cipós dos caminhos, atentos às ordens de Tha, o riscaram de listras nas costas, nos flancos, na testa, no focinho. Sempre que esbarrava num galho ou cipó, ficava com uma listra ou pinta nova em sua pelagem amarela. E essas marcas até hoje seus descendentes as usam! Quando alcançou a gruta, Medo, o Pelado, apontou para êle e disse: «O Manchado aí vem!» e o Primeiro dos Tigres teve medo do Pelado e voltou para os pantanais, miando».

Mowgli, mergulhado n'água até o queixo, sorriu.

- Tão alto miava o tigre, que Tha o ouviu e perguntou: «Que mágoa te assalta?» e o Primeiro dos Tigres, com o focinho erguido para o céu novo em folha (este velho céu que temos hoje), exclamou: «Restitui meu antigo poder, ó Tha! Tornei-me malvisto de tôda a Jângal e corri do Pelado, o qual me insultou de sujo». «E por que?» perguntou Tha. «Porque eu estava todo listrado da lama do pantanal», respondeu o Primeiro dos Tigres. «Sujo de lama? Pois banha-te no rio e rola-te na relva que as listras deixarão tua pelagem», disse Tha. E o Primeiro dos Tigres banhou-se no rio, e rolou na relva até que as árvores da mata começassem a girar em torno dêle, mas nem uma só das listras desapareceu. Tha, que o observava, sorriu. Então o Primeiro dos Tigres disse: «Que faria eu para ficar assim marcado?» E Tha explicou: «Mataste o gamo, soltaste a Morte na Jângal e com a Morte apareceu o Medo, fazendo que os filhos da Jângal se amedrontem uns dos outros e tu te amedrontes do Pelado». O tigre disse: «Os filhos da Jângal não podem ter medo de mim, porque nos conhecemos desde o começo». Tha sorriu: «Verifica isso». E o Primeiro dos Tigres logo verificou que inutilmente chamava pelos cerdos, pelos veados, pelos Sambhurs – todos fugiam ao som da voz do seu antigo chefe e juiz. Tinham medo.

«Então o Primeiro dos Tigres, já com o orgulho quebrado, deu com a cabeça no chão, rompeu a terra com as unhas e exclamou: «Lembra-te, Tha, de que já fui o chefe da Jângal. Não te esqueças de mim, Tha. Faze que meus filhos saibam que já fui amado e ignorante do medo», E Tha disse: «Assim seja, já que tu e eu vimos a Jângal sair do nada. Por uma noite cada ano todo será para ti e para os teus como antes da morte do gamo. Nessa noite, se encontrares o Pelado – cujo nome é Homem - não terás medo dele. Ele, sim, terá medo de ti, como se fosses o juiz supremo da Jângal e o chefe de todas as coisas, Nessa noite de medo para o Homem, sê generoso com êle, porque já sabes o que o medo é».

«E então o Primeiro dos Tigres respondeu: «Basta. Estou satisfeito». Mas logo depois, indo beber, viu refletirem-se n'água as suas listras e recordou que o Pelado o insultara de sujo. A cólera pô-lo a fremir. Tinha de vingar-se. Voltou aos pantanais, onde passou um ano à espera do que Tha lhe prometera e uma noite, em que a lua se ergueu muito clara, sentiu que a sua Noite era vinda. Tomou então rumo à Gruta do Pelado. Lá tudo aconteceu como Tha predissera, pois que o Homem, tomado de medo, se agachou e o tigre lhe partiu a espinha

com um munhecação. O Primeiro dos Tigres estava certo de que na Jângal só existia um Pelado e que, matando-o, matava o Medo. Pensava nisso, farejando a vítima, quando Tha se aproximou. Sua voz retumbante vêz-se ouvir. Era esta mesma voz que soou agora...»

Hathi referia-se ao trovão que naquele momento reboara pela morraria ressecada. Riscas de fogo riscavam o céu. Mas não chovia. O Elefante Selvagem prosseguiu:

- Era esta a voz que o Primeiro dos Tigres ouviu, voz que perguntava: «Onde a tua generosidade, ó Tigre?» O Primeiro dos Tigres lambeu os beiços e explicou que apenas matara o Medo. Disse então Tha: «Louco! O que fizeste foi desatar os pés da Morte - e agora a Morte seguirá teus passos até o fim dos fins. Tu acabas de ensinar o Homem a matar!»

«Com a pata ainda sobre o peito do Pelado inerte, o Primeiro dos Tigres exclamou: «Está imóvel como o gamo que matei! Não existe mais Medo. Posso voltar a ser o juiz da Jângal».

«E Tha disse: «Nunca mais os Filhos da Jângal virão a ti. Nunca mais cruzarão teu carreiro, nem seguirão teus passos, nem dormirão perto de onde dormires, nem pastarão junto à tua caverna. Únicamente o Medo te seguirá - e por meio de golpes que não poderás perceber donde vêm, nem como vem, te dominará. Ele fará o chão abrir-se em mundéus aos teus pés, fará laços de cipó constringirem teu pescoço, fará troncos de árvores se erguerem unidos em redor de ti, cercando-te; por fim tomará tua pele para conchego dos seus filhotes, no tempo frio. Não tiveste piedade do Homem e o Homem jamais terá dó de ti».

«O Primeiro dos Tigres era valente e, como ainda fosse _ dono da sua Noite, disse: «A promessa de Tha é a promessa de Tha. Terei sempre a minha Noite?»

«E Tha respondeu: «Uma Noite única em cada ano será sempre tua, como já te disse, mas há um preço... Tu ensinaste o Homem a matar. O Homem não é tardo no aprender».

«O Primeiro dos Tigres disse: «Aqui está êle sob minhas patas, com a espinha quebrada. Permite-me, Tha, que toda a Jângal saiba que matei o Medo».

«Tha sorriu e disse; «Tu mataste um entre muitos – mas dize-o tu mesmo à Jângal pois que tua Noite está terminada».

«Veio o dia e logo à boca da gruta apareceu outro Pelado; vendo o morto sobre o qual o tigre pisava, tomou duma longa vara de ponta aguda...»

- Eles lançam agora uma coisa que corta, interrompeu Ikki, o Porco-espinho, que os Gonds, tribo de homens selvagens das redondezas, consideravam bom petisco.

Ikki referia-se à machadinha que os Gonds arremessam de longe, qual relâmpago.

- Era uma vara de ponta cortante, prosseguiu Hathi, como essas que eles colocam hoje na cabeça dos troncos de árvore que descem sobre o nosso corpo quando caímos nos mundéus. E, arremessando-a, aquele segundo Pelado feriu o Primeiro dos Tigres no flanco. O Primeiro dos Tigres correu como um doido pela Jângal até que a vara se quebrasse - e os filhos da Jângal ficaram conhecendo que os Pelados sabiam ferir de longe - e mais ainda o temeram daí por diante. Dêsse modo, meus filhos, o tigre número um foi quem ensinou o Homem a matar - e sabeis que calamidade para nós começou a ser isso – essa ciência, essas pontas cortantes, êsses mundéus, a vara aguda que vem sibilando e a mosca terrível que nasce ao longe dentro duma fumacinha branca (Hathi referia-se à bala). E também a Flor Vermelha que nos tange para onde eles querem (Hathi referia-se ao fogo). Entretanto, por uma noite única em cada ano, o Pelado teme o tigre, como Tha prometera, e jamais o tigre fêz algo que amortecesse tal temor. Onde o tigre encontra o Homem, aí o mata - ou morre. E o Medo circula pela Jângal, de dia e de noite.

- *Ahi! Aoo!* gemeu um veado que sabia muito bem daquilo.

- E unicamente quando um Medo imenso paira sobre todos nós, como agora, é que os filhos da Jângal esquecem o medo comum e se reúnem como estamos reunidos.

- Por uma noite só em cada ano teme o Homem ao Tigre? perguntou Mowgli.

- Por uma noite só, respondeu Hathi.

- Mas sei - como toda a Jângal sabe - que Shere Khan mata dois, três homens cada lua!...

- Sim. Mas à traição e fechando os olhos quando fere - de medo. Se o Homem lhe olhasse firme nos olhos, Shere Khan fugiria. Na sua Noite, porém, êle penetra abertamente nas aldeias, corre-lhe as ruas, mete a cabeça pelas portas - e o Homem, apavorado, deixa-se matar de frente.

- Oh! exclamou Mowgli para si mesmo, espalhando-se n'água. «Agora» percebo porque Shere Khan me mandou que olhasse para êle! Queria ver, queria experimentar se suportava meus olhos, se eu não caía por terra dominado pelo seu olhar... Mas nesse caso não sou Homem - pertenço mesmo ao Povo Livre.

- *Umm!* roncou Bagheera para dentro da garganta. Sabe o Tigre quando é a sua Noite?

- Nunca o sabe, senão quando o Chacal da Lua aparece claro na neblina noturna. Isso sucede às vêzes pelo verão, outras vêzes durante as chuvas. É a Noite do Tigre. Mas se não fosse o Primeiro dos Tigres, nada teria acontecido – e nenhum de nós jamais conheceria o medo.

Os veados suspiraram, e Bagheera encrispou o beicho num sorriso mau.

- Conhecem os homens esta história? perguntou ela.

- Ninguém a conhece, exceto os tigres e nós, os elefantes descendentes de

Hathi mergulhou a tromba n'água como sinal de que tinha dito tudo.

- Mas, mas, mas... começou Mowgli virando-se para Baloo... por que não continuou o Primeiro dos Tigres a alimentar-se de folhas de árvore e ervas rasteiras? Ele apenas quebrou o pescoço do gamo - não o «comeu». Que foi que o levou à carne?

- As árvores e cipós haviam-no marcado, Irmãozinho, haviam-no transformado nesse tapete de listras que vemos hoje. Por isso o tigre evitou dali por diante alimentar-se de folhas, e vingou-se de tais plantas nos veados e outros comedores de ervas, explicou o urso.

- Oh, também conheces a história, Baloo!... Por que nunca ma contaste?

- A Jângal está cheia de histórias como esta. Se me pusesse a contá-las todas, não faria outra coisa. Vamos! Larga da minha orelha, Irmãozinho!



Lei da Jângal

*Aqui está exposta agora a Lei da Jângal
Antiga como o céu e como o céu tão vera.*

*O Lobo que a transgrido por certo
sucumbe.*

O Lobo que a respeita por certo prospera.

*A Lei vai para trás e para diante
Como em torno do tronco, a se enroscar, a
liana.*

*Ouve: A força do grupo reside no Lobo,
Como a força do Lobo do grupo dimana.*

*Lava-te cada dia, da cauda ao focinho,
Bebe. Sacia a sede mas sem abusar.
E não olvides nunca: O dia é para o sono
E as noites foram feitas para se caçar.*

*O Chacal segue, o tigre, mas tu,
Lobozinho,*

*Mal te crescerem os bigodes com vigor,
Apenas poderás confiar em ti mesmo,
Lembra-te bem: O Lobo é sempre
caçador.*

*Estejas sempre em paz com os senhores
da jângal,*

*Com o urso, com a pantera, com o Tigre
feroz.*

*Não zombarás do porco na sua guarida,
Nem turbarás Hathi, o que perdeu a voz.*

Se duas alcateias se encontram na jângal,

*E nenhuma das duas cogita ceder,
Espera em calma que confabulem os
chefes,*

Pode o termo cortês prevalecer.

*Quando tu combateres com um Lobo do
Clã*

*Seja bem num lugar distanciado e
escondido*

*Para que outros não entrem no conflito
E fique o grupo pela guerra diminuído.*

*O antro do Lobo há de ser seu refúgio
E quando ele o escolher para seguro lar*

*A êle não poderá ir nem mesmo o
Conselho*

Nem o chefe dos Lobos nele pode entrar.

*O antro do Lobo há de ser seu refúgio,
Se ele estiver acaso demasiado exposto,*

*Mandarà o Conselho uma mensagem
E mudarás de abrigo mesmo a
contragosto,*

*Se a caça for antes da meia-noite,
Tu não acordarás a mata com os gritos.
Deixarias então os teus irmãos jejunos,
Deixarias então os galheiros aflitos.*

*Matarás para ti e para a prole
Tanto quanto precisem e fores capaz.
Mas nunca mates pelo prazer de matar,
E, sete vézes, o homem sempre pouparás,*

*Podes tomar a presa de alguém mais
pequeno,
Teu orgulho porém exaltado não cresça.
Também o humilde tem direito na alcateia,
Deixa-lhe então o couro assim como a
cabeça.*

*A caça da alcateia pertence à alcateia.
Bem onde ela estiver será comida.*

*Ninguém pode levar desta carne ao seu
fojo*

Sob risco de poder até perder a vida!

*Mas a caça do Lobo só o Lobo come,
Fará com ela o que muito bem entender
E só pode a alcateia comer desta caça
Se tiver nisto o Lobo algum prazer.*

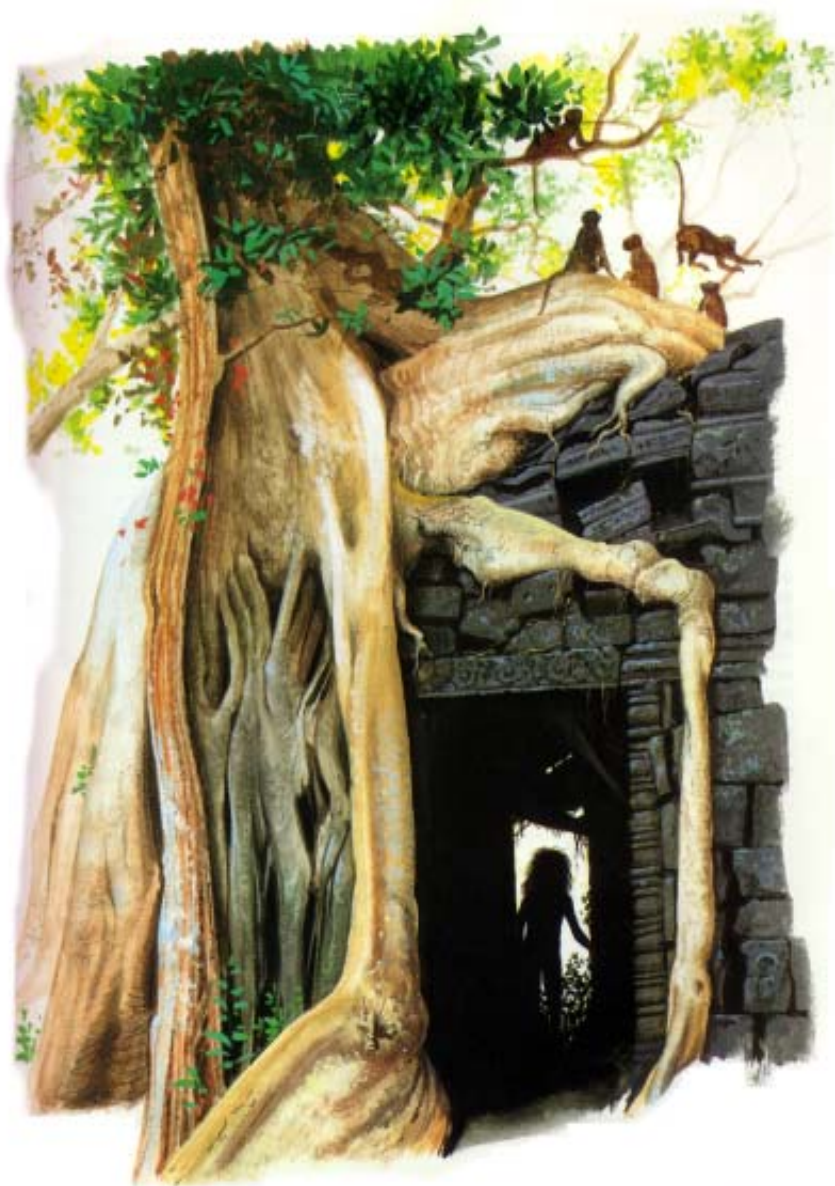
*Os filhotes também tem seu direito,
E dos membros do grupo podem reclamar
A parte que lhes cabe; e com certeza
Não haverá quem vá lhes recusar.*

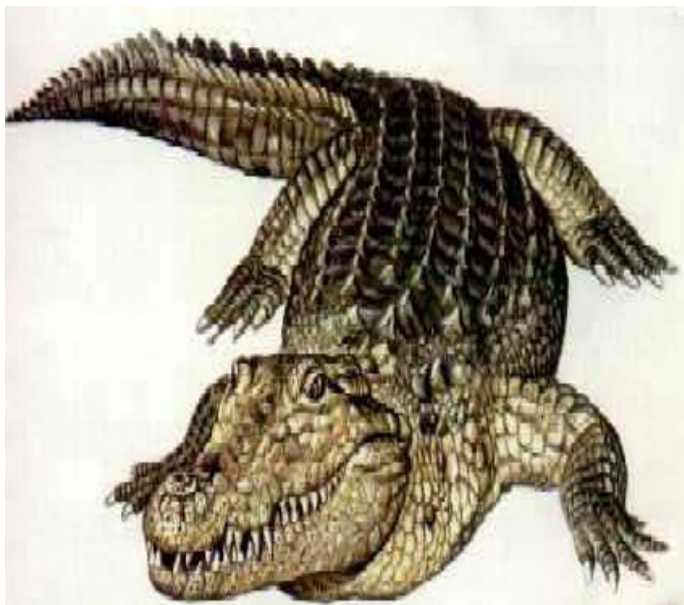
*Há também o direito do covil.
Pertence à mãe, que pode reclamar
A anca de cada presa; e certamente
Não haverá quem vá lhe recusar.*

*O direito do fojo é um direito do Pai;
De caçar para si e os seus. Porém
Só pode ser julgado pelo Grão-Conselho
Não devendo ligar no Clã a mais ninguém.*

*E por causa de sua idade e sua astúcia,
Por seu pêso e por suas garras incisivas,
Onde esta lei da jângal for omissa,
As palavras do chefe serão decisivas.*

*Enfim são estas as Leis numerosas
Da Jângal. E potentes elas soem ser.
Mas a cabeça e o casco desta Lei e a
anca
E a bossa estão numa palavra: Obedecer.*





JACALA, O CROCODILO

Quando disserdes a Tabaqui, “Irmão!”, e Eis
nossa caça” à Hiena
Com Jacala, o ventre que corre sobre quatro
patas, fareis trégua plena.

Lei da Jângal

- Respeito aos velhos!

Era uma voz espessa que dava calafrios - voz de lama - voz semelhante a qualquer coisa mole que se abre em dois pedaços. Havia nela em trêmulo de crocito e uivo.

- Respeito aos velhos! Ó Companheiros do Rio, respeito aos velhos!

Nada se via sôbre o espelho líquido, senão os batelões de velas quadradas, cheios de pedra, que acabavam de passar sob a ponte da estrada de ferro e seguiam águas abaixo. Tinham os rudes lemes erguidos para evitar os bancos de areia formados pelo impedimento dos pilares; ao passarem, três em linha, a horrível voz recomeçou:

- Ò Brâmanes do Rio, respeito aos velhos e doentes!

Um barqueiro, sentado no alcatrate, voltou o rosto; sua mão ergueu-se para acentuar uma blasfêmia - e os barcos afastaram-se na tarde que caía. A ampla caudal indiana, mais semelhante a um rosário de lagoas do que a um rio, estava lisa como um cristal; no centro refletia-se o céu avermelhado e junto às margens o tom era amarelo sombrio.

Pequenos riachos que na estação chuvosa para ela fluem estavam agora secos. Cada foz era uma bôca aberta acima da linha d'água. Sôbre a margem esquerda e quase debaixo da ponte via-se uma aldeia de palhoças, cuja rua principal vinha ter ao rio, acabando numa espécie de molhe de tijolo com degraus, a serviço de quem descia a utilizar-se da água. Era ali o Ghaut(1) da aldeia de Mugger-Ghaut.

A noite caía rápida sobre as roças de arroz, de lentilhas e algodão, cultivadas nas várzeas que o rio todos os anos inundava. Papagaios e corvos, que haviam estado taralhando e crocitando à tarde nos bebedouros, internavam-se agora nas matas, para o pouso, recruzando nos ares com batalhões de morcegos em comêço de revôo; e nuvens e nuvens de aves aquáticas vinham gralhantes abrigar-se dentro das tabuas. Gansos cerzetas, adens, tadomas, curicacas e, aqui e ali, um flamingo.

Atrás de todos voava um moroso Grou, lerdo como se cada movimento de asas fôsse o último.

- Respeito aos velhos! Brâmanes do Rio, respeito aos velhos!

O Grou voltou a cabeça, guinou na direção da voz e veio pousar na barra de areia, debaixo da ponte. Fácil perceber que patifão estava ali. Visto de costas parecia imensamente respeitável, alto de seis pés e dando a idéia duma pessoa calva.

De frente mudava, porque a cabeça e o pescoço não possuíam uma só pena; em vez de penas, um horrível saco de pele rugosa, à guisa de papo, onde guardava tudo quanto seu bico enorme conseguia apanhar. As pernas tinha-as compridas, magras e sêcas, embora se movessem com delicadeza. Talvez por isso as olhasse com orgulho, cada vez que com o bico arrumava as penas da cauda côm de cinza.

Um sarnento Chacal, que estivera a uivar sua fome numa elevação do terreno, aprumou orelhas e cauda e veio juntar-se ao Grou.

Era o mais baixo da sua casta - não que o mais nobre dos chacais valha alguma coisa, mas aquêle não passava dum misto de mendigo e bandido, simples fossador de monturos, eternamente esfaimado e cheio de manhas que nunca lhe renderam nada.

- *Ugb!* exclamou sacudindo-se tristemente ao chegar. Que a sarna destrua todos os cães da aldeia! Tenho pelo corpo

(1) Escadaria que nas cidades fluviais da Índia desce até o rio, para comodidade dos banhistas e das lavadeiras.

tantas mordidas quanto pulgas, e tudo só porque olhei - olhei, hem? - para um sapato velho que vi junto à cêrca dum curral. Mas, afinal de contas, posso lá viver de lama? e o triste Chacal coçou-se atrás da orelha.

- Ouvi dizer, respondeu o Grou na sua voz de seria grossa a serrar tábua espêssa, que havia um cachorrinho recém-nascido dentro dêsse sapato...

- Ouvi dizer é uma coisa, ser é outra, replicou o Chacal, muito sabido em provérbios pilhados à conversa dos homens.

- Verdade, verdade. E tanto que tornei a meu cargo esse cachorrinho num momento em que os pais andavam longe, muito ocupados.

- *Muito* ocupados, sim, disse o Chacal, e por causa disso não posso durante certo tempo voltar aos meus lambiscos pela aldeia. Com que então havia um cachorrinho de olhos fechados naquele sapato, hein?

- E está aqui êle, respondeu o Grou batendo com o longo bico no papo. Uma coisinha de nada, mas aceitável, por êstes tempos de caridade curta.

- Ai! O mundo anda agora de coração de pedra, lamentou o Chacal - e nesse momento os seus olhos vivos perceberam um tremor na superfície das águas, o que fêz dizer depressa e alto: A vida é dura para todos nós, e -não duvido que até o nosso grande chefe, o Orgulho de Ghaut e a Inveja do Rio...

- Um mentiroso, um bajulador e um chacal foram abocados no mesmo ôvo, interrompeu o Grou, não se referindo a ninguém em particular, porque também era um hábil mentiroso, quando preciso.

- Sim, a Inveja do Rio, repetiu o Chacal erguendo a voz. Até ele sabe que depois da ponte construída o alimento se tornou escasso. Mas, por outro lado, embora eu de nenhum modo lho diga na cara, êle é tão sábio e virtuoso como...

- Quando um Chacal confessa que é pardo, quão negro deve ser! murmurou o Grou, que não percebera quem, vinha aproximando-se.

- Que a carne nunca lhe falta e que...

Ouviu-se um marulho n'água, como se um bote houvesse abicado. O Chacal girou nos pés e deu de frente com a criatura sobre a qual falava. Era um crocodilo de vinte e quatro pés de comprimento, encastado numa como chapa de caldeira cheia de rebites, com quilha e cristas serrilhadas; as pontas amarelas da dentuça franjavam sinistramente sua afilada maxila inferior. Era o Muger de

Mugger-Ghaut, de nariz rombo, mais velho que qualquer ancião da aldeia e tão antigo ali que havia dado nome ao povoado; o verdadeiro demônio daquelas águas antes da construção da ponte - carniceiro comedor de homens e ao mesmo tempo fetiche local. Quedou-se, ao chegar, com o focinho na areia, mostrando-se dentro d'água por um quase imperceptível movimento de cauda. O Chacal sabia que um golpe daquela cauda era o bastante para projetá-lo sobre o sêco da praia com a violência duma máquina a vapor.

- Bem-vindo seja o Protetor dos Pobres! começou êle, curvando-se a cada palavra. Uma deleitosa voz foi por mim ouvida e cá vim na esperança duma agradável prática. Minha ousadia levou-me, enquanto esperava, a falar de ti, mas estou certo de que nada do que eu disse foi ouvido.

Mentira. O Chacal falara justamente para ser ouvido, porque sabia que a lisonja era o melhor meio de apanhar coisas de comer; também o Mugger sabia que o Chacal falara só com aquêle fim; e o Chacal sabia que o Mugger sabia que o Chacal sabia - de modo que todos estavam muito contentes consigo mesmos.

O velho bruto de nôvo grunhiu no banco de areia «Respeito aos velhos e doentes!» e seus olhos pequenos arderam como brasas sob as córneas sobranceiras da cabeça triangular, entalada entre as decrepitas pernas dianteiras; em seguida imobilizou-se. Acostumado como estava o Chacal àqueles modos, nem por isso deixou de admirar-se, pela centésima vez da habilidade com que o Mugger imitava um velho tronco de pau encajado na areia. O crocodilo tivera até o cuidado de colocar-se no ângulo exato que faz na correnteza um tronco que abica. Tudo por força do hábito, está claro, porque o Mugger tinha vindo à praia apenas por desfastio, não para prear; mas um crocodilo nunca se sente completamente farto, e se o Chacal não se mantivesse sempre em guarda, não estaria àquela hora a filosofar sobre o caso.

- Meu filho, nada ouvi, disse o Mugger fechando um dos olhos. A água tapava meus ouvidos e além disso eu ando a desfalecer de fome. Desde que a ponte foi construída o povo desta minha aldeia deixou de venerar-me - e isto me rompe o coração.

- Que desgraça! murmurou o Chacal. Um tão nobre coração! Mas os homens sempre foram isso mesmo, ao que penso. Todos iguais.

- Não, ao contrário, os homens apresentam grandes diferenças, contestou o Mugger. Alguns são magros coma estacas de amarrar botes. Outros são gordos como jovens chac...digo jovens cães. Nunca detraterei sem motivo os homens. Há-os de todos os jeitos; mas os anos me têm mostrado que, uns pelos outros, são muito boas criaturas. Homens, mulheres e crianças - não tenho queixa dêles. Lembra-te, filho, que quem detrata o Mundo, pelo Mundo será detratado.



- A lisonja é pior do que lata velha no estômago, mas isto que acabo de ouvir vale por sabedoria pura, disse o Grou, avançando um pé.

- Espera, amigo. Considera, por exemplo, a ingratidão dos homens para com esta excelente criatura, defendeu-se o Chacal com voz enternecida.

- Nada disso. Nada de ingratidão, contraveio o Mugger. Eles não pensam como nós outros, eis tudo. Mas tenho notado, do meu ponto de estacionamento neste rio, que os degraus da nova ponte são terrivelmente difíceis de galgar, tanto para os velhos como para os moços. Os velhos vá lá que não mereçam consideração, mas sinto-me deveras chocado - realmente chocado - por causa das crianças gorduchas. Por isso julgo que logo que a ponte deixar de ser novidade veremos de novo a minha brava gente de pés descalços atravessar o rio a vau, como outrora. E então o velho Mugger será honrado novamente.

- Entretanto eu vi esta tarde grinaldas de malmequeres flutuando no Ghaut, advertiu o Grou.

Em tôda a Índia grinaldas de malmequeres significam reverência.

- Erro, erro puro. Trata-se da mulher do vendedor de doces. Ela está perdendo a vista e já não distingue entre um pedaço de pau e mim - eu o Mugger do Ghaut! Observei isso quando jogou a grinalda, porque eu estava bem perto já - e se ela desse mais um passo eu poderia mostrar-lhe minha diferença dum pau. Todavia, sua intenção era boa e temos de atender ao espírito das oferendas,

- De que servem grinaldas de malmequeres quando a gente está já no monte de lixo? disse o Chacal, coçando as pulgas, mas sempre alerta e conservando de olho o Protetor dos Pobres.

- Sim, mas o monte de lixo em que serei lançado ainda não começou a formar-se. Cinco vezes já vi o rio afastar-se da aldeia e deixar terra nova no extremo da rua. Cinco vezes vi a aldeia reconstruída, e ainda verei reconstruírem-na outras tantas. Não sou nenhum indigno Gavial (1) comedor de peixe, «hoje em Kase, amanhã em Prayag», como diz o ditado, mas sim o verdadeiro e constante guardião do rio nesta passagem. Não é à toa que a aldeia traz o meu nome - e «quem espera sempre alcança», como diz o ditado.

- Eu tenho esperado tôda a minha vida e, a não serem mordeduras e pauladas, nada alcancei, suspirou o Chacal.

- Ho! ho! ho! gargalhou o Grou.

Nasceu o chacal em agôsto;
Caem as chuvas em setembro;
Disse: Na vida, de um dilúvio
Assim, meu Deus, eu não me lembro.

Há uma peculiaridade desagradável no Grou. Costuma ser atacado de cãibras nas pernas e, embora seja o mais virtuoso da respeitabilíssima família dos bicancas, mete-se a dançar danças de guerreiro inválido, com as asas semi-abertas e a cabeça indo e vindo, tendo o cuidado de ritmar os seus piores ataques com as suas mais cruéis observações. Assim fêz êle ao dar aquela resposta, e logo que a concluiu aquietou-se, ficando dez vezes mais grou do que antes.

O Chacal remexeu-se apenas, embora já fôsse adulto, porque não há ressentir ofensa numa pessoa com bico de meio metro e força para lançá-lo que nem um dardo. O Grou era notoriamente covarde; o Chacal, mais ainda.

- Temos que viver para aprender, disse o Mugger, e isto significa que pequenos chacais nada valem, mas um mugger

(1) Variedade de crocodilo do Ganges e outros rios da Índia, que só se alimenta de peixe.

como eu é raro. Entretanto, não sou orgulhoso, porque sei que o orgulho conduz à destruição; é Fado, e contra seu Fado ninguém que caminha, nada ou voa pode rebelar-se. Estou contente do meu Fado. Com boa sorte, bons olhos e o hábito de verificar, antes de nela meter-nos, se uma enseada ou água represada tem boa saída, muita coisa pode ser feita.

- Já ouvi contar que mesmo o Protetor dos Pobres já cometeu um êrro, disse com perversidade o Chacal.

- E é verdade; mas ainda aí o Fado ajudou-me. Foi antes de haver atingido o meu completo desenvolvimento - três anos para lá da última fome. (Pela Direita

e Esquerda do Gunga, como os rios se encheram por êsse tempo!) Sim, eu era moço e leviano, e ninguém pulou tanto de alegria como eu, ante aquele dilúvio. A aldeia ficou afundada em lama, o que me fêz nadar pelo Ghaut acima e entrar pelas terras arroseiras, também cobertas de lama. Lembro-me dum par de braceletes de vidro que encontrei certa tarde. De vidro sim; e, se a memória não me falha, junto também encontrei um par de sapatos. Eu devia ter sacado fora êsses sapatos, mas a fome não me deixou. Mas tarde compreendi o êrro. Sim. Enchi o estômago e fiquei em repouso; depois, quando me preparava para voltar ao rio, as águas da enchente haviam descido de modo a permitir-me caminhar pela rua principal da aldeia, um lameiro. Quem faria isso senão eu? A minha gente foi chegando, sacerdotes, mulheres e crianças, e para todos olhei com benevolência. Não é boa arena para lutar, o lameiro. Um remador disse: «Tragam machados e matem-no! Este é o Mugger que vive no Ghaut». Um brâmane protestou: «Não, não o matem! Ele vai levando daqui a inundação! É o deus protetor da aldeia». Então aquela boa gente me cobriu de flôres, e uma criatura teve a feliz lembrança de pôr-me uma cabra ao alcance do focinho.

- Que bom..., que bom manjar é uma cabra! exclamou o Chacal, remexendo-se.

- Muito peluda; e, quando lançada à água do rio, costuma ter dentro um grande anzol em forma de cruz. Mas aceitei a oferenda e continuei meu caminho rumo ao Ghaut, sempre com muitas honras. Mais tarde o meu bom Destino pôs-me nos dentes o remador que quis picar minha cauda a machado. Seu bote revirou numa velha corredeira que já existiu dêstes lados; os amigos não podem lembrar-se.

- Nem todos aqui somos chacais, disse o Grou, que é ave de vida longa. Não era uma corredeira onde os batelões de carregar pedra naufragaram no ano da grande sêca? Uma comprida corredeira que durou por três inundações?

- Havia duas, Explicou o Mugger; uma brava e uma rasa.

- É verdade, lembro-me agora. Um canal as dividia, um canal que já secou, disse o Grou, com orgulho da sua boa memória.

- Na corredeira rasa o bote do meu caro remador foi a pique. Estava êle dormitando à proa, e foi estremunhado que entrou n'água até a cintura - não, até os joelhos apenas - para puxar o bote. O bote obedeceu ao empuxão e deixou-se arrastar na direção dum esteio fincado na margem. Eu segui a manobra, certo de que mais homens viriam ajudá-lo a meter em terra o bote.

- E vieram? perguntou o Chacal ansioso, pois que aquilo lhe cheirava a caçada gorda.

- Vieram, e mais abaixo meteram-se n'água. Coloquei-me em boa posição, de

modo que colhi três num dia - três bem fornidos *manjis* (bateleiros) e com exceção do último nenhum soltou um só grito de alarma - mas o último pouco se me dava que berrasse ou não.

- Ah, o nobre esporte! Mas que grande habilidade e tática exige! murmurou o Chacal.

- Não habilidade, menino, apenas reflexão. Um pouco de reflexão na vida é como sal no arroz, dizem os bateleiros - e eu nunca deixo de refletir muito. O Gavial, meu primo comedor de peixe, contou-me o quanto lhe custa seguir suas prêsas de escama, e como tem necessidade de as conhecer a tôdas, em conjunto e uma por uma. Isto, afirmo eu, é sabedoria; mas por outro lado meu primo Gavial vive entre gentes da sua própria espécie, os aquáticos. Já a *minha* gente aqui não nada em cardumes, com a bôca fora d'água como faz Rewa; nem sobe à tona d'água, como Mohoo e o pequenino Chapta; nem se reúne nas corredeiras depois das enxurradas, como Batchua e Chilwa.

- Todos são muito bons petiscos, disse o Grou, estalando a bicanca, à lembrança dos peixes citados.

- É o que diz o primo, fazendo barulho dessas caçadas; mas essa caça não salta fora do rio a fim de lhe escapar à bocarra de dentes agudos. Meu povo é diferente. Vive em terra, dentro de casas, rodeado de bois e cabras e aves. Eu tenho de estudar o que eles fazem e adivinhar o que vão fazer; e «somando a cauda com o corpo formo o elefante», como diz o ditado. Estão um ramo verde e um anel de ferro pendurados numa porta? O velho Mugger *sabe* que naquela casa um menino acaba de nascer e um dia virá brincar nas águas do Ghaut. Vai casar-se uma virgem? O velho Mugger *sabe*, porque vê homens entrando com presentes; e também *sabe* que a noiva aparecerá no Ghaut para o banho do ritual - e o Mugger fica de tocaia. Muda o rio seus canais e nova terra se forma onde antes era só areia? O Mugger *sabe*.

- E para que serve êste último conhecimento? perguntou o Chacal, O rio tem mudado até durante o curso da minha vida tão breve.

Os rios da Índia estão sempre a mudar de leito, às vêzes por duas ou três milhas numa só estação - inundando os campos de uma das margens e espalhando bom húmus sôbre a terra.

- Não há conhecimento mais proveitoso, respondeu o Mugger, porque terras novas querem dizer novas disputas. O Mugger *sabe*. Oh! o Mugger *sabe*. Logo que as águas se drenem, formam-se erosões onde os homens julgam que nem um cachorro poderá esconder-se - e nelas o Mugger se oculta. Aparece então um lavrador dizendo que vai plantar abóbora ali e melões acolá, por tôda terra nova que o rio criou. E cavoca o solo com o dedão do pé. Depois aparece outro, dizendo que vai plantar ali cebolas e cenouras, e acolá cana-de-açúcar. E reúnem-se no lugar lavradores, como os botes que derivam ao léu e se reúnem



nos remansos, e por debaixo dos grandes turbantes azuis seus olhos fuzilam faíscas uns contra os outros. O velho Muggger vê e escuta. Os homens chamam-se mutuamente «Irmãos» e metem-se a fincar marcos na terra nova. O Muggger os segue por toda a parte, quietinho dentro da lama. Súbito, irrompe a briga! Explodem palavras de fogo! Agora, sacam os turbantes! Agora, erguem no ar os *lathis* (porretes) e por fim cai um na lama, enquanto os outros fogem. Quando voltam, não há mais disputa e, no entanto, nenhum se lembra de agradacer ao velho Muggger. Não! Metem-se a gritar «Mataram-no!» e suas famílias engalfinham-se em luta, vinte de cada lado. *Minha* gente é boa gente - Jats das montanhas Malwais do Bêt. Nunca dão bordoadas por esporte, e quando a luta chega ao fim o velho Muggger os espera lá embaixo do rio, fora das vistas da aldeia, atrás dum tufo de *kikar*. E então eles se aproximam, os meus entroncados Jats - oito ou nove juntos, a trazerem o morto numa rede. São homens velhos, de grandes barbas e voz profunda qual a minha. Acendem pequenas fogueiras - ah! como eu conheço essas fogueiras! - fumam e meneiam as cabeças, voltados para o morto. Murmuram que a Lei Inglesa breve virá tomar conta do caso, com uma corda, e que tal ou tal família se verá envergonhada porque tal ou tal homem terá de ser enforcado no pátio grande da cadeia. Depois dizem aos amigos do morto: «Deixá-lo enforcar», e a conversa repete-se vinte vêzes durante a noite. Por fim um deles diz: «Foi uma luta leal. Cobremos pelo nosso silêncio um pouco mais do que a lei oferece pela captura do criminoso, e calemo-nos». E então debatem o preço do silêncio, porque o morto era homem forte, de muitos filhos. E antes da aurora eles chegam fogo

ao homem, como é costume, e depois o passam para mim, silenciando a respeito. Ah! meus filhos, o Mugger sabe - o Mugger sabe - e meus Malvah Jats são boa gente.

- Muito avarentos, crocitou o Grou. «Não perdem nem o brilho do chifre da vaca», diz o ditado; e quem lá pode respigar atrás dum Malwai?

- Ah!, eu - eu os respigo, a *eles!* disse o Mugger.

- Antigamente, em Calcutá do Sul, muita coisa era atirada às ruas, na qual eu bicava e escolhia, ajuntou o Grou. Bons tempos! Hoje, porém, êles conservam as ruas tão limpas como o lado de fora dum ovo - e minha gente passa de largo. Ser limpo é uma coisa; mas espanejar o pó, varrer e borrifar água sete vêzes ao dia, enfraquece os próprios deuses.

- Alguém certa vez me disse que em Calcutá do Sul todos os chacais eram gordos como lontras na estação das águas, lembrou o Chacal com água na boca.

- Ah, mas os caras-brancas estão lá hoje - os ingleses, que trazem cães não sei donde - canzarrões gordos - a fim de conservar os chacais em eterno estado de magreza, disse o Grou. .

- São êles, nesse caso, gente má como a daqui? É sempre assim, bem sei. Terra, céu ou água - nada tem caridade para com o chacal. Na barraca dum cara-branca, na estação passada, logo após as chuvas, pude apanhar umas rédeas para comer. Os caras-brancas não tratam o couro da boa maneira. Essas rédeas puseram-me bastante doente.

- Isso foi melhor que o que me aconteceu, disse o Grou. Quando entrei na minha terceira estação e era uma jovem e valente ave, fui ter ao rio onde navegavam os grandes barcos. Os barcos dos ingleses são três vêzes maiores que esta aldeia.

- E chegou até Delhi e viu lá todo o povo caminhando com a cabeça para baixo, murmurou ironicamente o Chacal, fazendo o Mugger abrir os olhos e enfitá-los atentamente no Grou.

- É verdade, sim, continuou êste. Um mentiroso mente apenas quando espera ser crido. Ninguém que não tenha visto êsses barcos pode acreditar que sejam como digo.

- Isso me parece mais razoável, disse o Mugger. E depois?

- De dentro dos grandes barcos estavam descarregando enormes blocos duma coisa branca que, passados uns instantes, virava água. Muitos dêsses blocos caíam na praia aos pedaços, mas a maior parte era rapidamente metida numa

casa de paredes espessas. Um marinheiro, que se ria, tomou um pedaço não maior que um cachorro pequeno e lançou-o do meu lado. Eu e como eu toda a raça dos grous - tenho o hábito de comer sem refletir, gulosamente - e traguei a tal coisa. Imediatamente me vi torturado, por um frio horrível, que começou na garganta e se estendeu até à ponta dos meus dedos, privando-me da voz e fazendo o marinheiro rir-se ainda mais. Nunca senti tanto frio. Espinoteei e dancei e urrei contra as falsidades do mundo - e o marinheiro rolou no chão de tanto rir. O mais espantoso do caso é que, apesar daquela horrível frialdade, não senti mais nada no meu papo quando parei de lamentar-me.

O Grou tinha feito o melhor possível para descrever as sensações que lhe dera o engolimento dum pedaço de gelo do lago Wenham, trazido por um barco americano, isso antes de Calcutá possuir fábricas de gelo; mas como o Chacal não sabia o que era gelo e o Mugger muito menos, a história não interessou a nenhum.

- *Tudo* é possível, disse o Mugger fechando de novo o olho esquerdo. Tudo pode sair dum barco três vêzes maior do que o Mugger Ghaut. Nunca supus que minha aldeia fôsse tão pequena. . .

Um silvo soou em cima da ponte e o Expresso para Delhi passou, com os carros cheios de luz e sua sombra a segui-lo fielmente por cima das águas. Logo depois mergulhou nas trevas; mas o Mugger e o Chacal estavam de tal modo afeitos àquele espetáculo que nem sequer moveram a cabeça.

- Achas aquilo menos espantoso que um bote três vêzes maior que o Mugger Ghaut? perguntou o Grou com os olhos na ponte.

- Vi construírem-na, meu filho, disse o Mugger. Pedra a pedra vi erguerem-se os pilares e quando os homens caíam de cima (eram admiráveis de firmeza nos pés, mas às vêzes caía um) eu os aparava embaixo. Depois de erguido o primeiro pilar os homens já não olhavam para o corpo que caía, com aquela idéia de o queimarem. Eu poupava-lhes êsse trabalho. Nada aconteceu de estranho durante a construção dessa ponte.

- Mas isso que corre por cima dela, puxando os carros cobertos? Isso é estranho, opinou o Grou.

- Não passa, sem dúvida nenhuma, de certa raça nova de touros. Qualquer dia perde o pé e cai, como acontecia aos homens - e o velho Mugger estará cá embaixo à espera.

O Chacal olhou para o Grou e o Grou olhou para o Chacal. Se de algo estavam certos era de que a coisa que passava sôbre a ponte poderia ser tudo, menos um touro de nova espécie. O Chacal a havia observado várias vêzes, escondido atrás das cêrcas de aloés que ficam do lado da linha, e o Grou tinha

Produzido pela UEB/RS - Edição Impressa: Gestão 2001/2003 - Edição Digital: Gestão 2004/2006
visto trens desde o primeiro que correu na Índia. Mas o Mugger só o vira de baixo e tomava o cocoruto de latão polido pela corcova de um touro zebu.

- Sim, uma nova qualidade de touro, repetiu gravemente o Mugger para reafirmar-se naquela certeza - e o Chacal concordou que, sem dúvida nenhuma, era mesmo um touro. E também pode ser um... continuou o Mugger com ironia.

- Sem dúvida nenhuma, sem dúvida nenhuma, interrompeu o Chacal, sem esperar que o crocodilo terminasse.

- Sem dúvida nenhuma o quê? interpelou o Mugger colérico, não podendo admitir que alguém soubesse mais do que êle. Pode ser o quê? Eu disse que era um touro.

- Será tudo o que o Protetor dos Pobres quiser. Sou um humilde servo do amigo Mugger e não dessa coisa barulhenta que atravessa a ponte.

- Seja lá o que fôr, é obra dos caras-brancas, observou o Grou, e, quanto a mim, jamais farei ponto em lugar muito próximo de sua passagem, como é esta margem do rio.

- Tu não conheces os ingleses como eu, disse o Mugger. Havia um cara-branca por aqui, durante a construção da ponte, que costumava tomar o bote à tarde, mover-se nêle dum lado para outro, perguntando: «Estará aqui? Estará lá? Dêem-me a carabina». Eu ouvia-o antes de poder vê-lo - e ouvia todos os mais sons dêsse cara-branca, a armar e desarmar a espingarda, rio abaixo e rio acima. Tão certo como haver eu apanhado um dos seus homens e dêsse modo ter evitado que gastassem lenha em queimar-lhe o corpo, era a certeza de vê-lo pelo rio, aos gritos de que me caçaria e libertaria o Ghaut da minha presença - a mim, o Mugger de Mugger-Ghaut! Eu, meus filhos, nadava debaixo daquele bote por horas e horas, e ouvia-o dar tiros contra pedaços de pau; e ao perceber que êle já estava cansado, eu aparecia de improviso a um dos lados do bote, abrindo a goela em sua cara. Depois que a ponte se concluiu, êsse homem desapareceu. Todos os ingleses caçam dessa maneira exceto quando são caçados.

- Quem caçará os caras-brancas? latiu o Chacal excitadamente.

- Ninguém, agora; mas já os cacei, no meu tempo.

- Lembro-me alguma coisa dessa caçada, disse o Grou batendo a bicanca de modo significativo.

- Eu me achava bem estabelecido aqui, continuou o Mugger. Pela terceira vez, esta minha aldeia andava em reconstrução, lembra-me como se fôsse ontem! quando meu primo Gavial veio contar de águas muito ricas, acima de Benares. Não fiz caso, porque meu primo, que é um simples comedor de peixe, não

sabe distinguir entre o bom e o ruim; mas entreouvindo à noite conversas da minha gente sôbre o assunto convenci-me de que era verdade.

- E que é que a tua gente dizia? perguntou o Chacal.

- Dizia o bastante para induzir-me, a mim, o Mugger do Mugger-Ghaut, a sair d'água e meter-me em terra. Caminhei pela noite adentro, utilizando-me de quantas águas pequenas encontrei; era pelo tempo do calor e tôdas as águas estavam rasas. Cruzei estradas poentas; atravessei, ervaçais; subi morros ao clarão da lua. Até sôbre rochas trepei - prestem atenção a isto. Atravessei a cauda do Sirhind, o rio sem água, e fui esbarrar na série de pequenos ribeirões que correm para o Gunga. Separei-me um mês de jornada da minha gente e do meu rio aqui. Foi uma coisa maravilhosa!

- Que comia pelo caminho? perguntou o Chacal cuja alma era o estômago e não estava nada impressionado com a viagem do Mugger.

- Comia o que encontrava, *primo!* respondeu o Mugger, lentamente, arrastando as palavras.

Ninguém na Índia dá o tratamento de primo se não há parentesco de sangue, e como só em conto de fadas poderia um mugger aparecer como parente dum chacal, o Chacal percebeu por que motivo fôra repentinamente elevado à categoria de membro da família do Mugger. Se estivesse ali só, não teria dado importância ao caso; mas não estava - e os olhos do Grou sorriam à ironia do Mugger.

- Certamente, pai. Eu devia saber disso, penitenciou-se o Chacal.

A um mugger não importa ser chamado pai de chacal, e o Mugger de Mugger-Ghaut fêz ver isso - e muito mais que não interessa repetir aqui neste momento.

- O Protetor dos Pobres é na realidade meu parente, não posso saber em que grau. Em todo o caso, comemos a mesma comida. Ele já o disse, foi a resposta do Chacal.

Isto estragou ainda mais o capítulo, porque com essa frase o Chacal sugeria que naquelas terras pantanosas o Mugger se alimentara de carne fresca, em vez de guardá-la até ficar nas condições desejadas, como faz todo o mugger que se preza e a maioria dos animais selvagens, quando podem. Na realidade, uma das mais fortes expressões de desprezo ao longo do rio é «comedor de carne fresca». Soa tão mal como chamar a um homem antropófago.

- Essa comida foi comida trinta estações atrás, disse o Grou calmamente. Se vamos recordar coisas de trinta estações atrás, não chegaremos nunca. Contanos o que sucedeu quando alcançaste as águas ricas depois dessa admirável

jornada. Se nos pomos a atender a cada uivo de chacal, os negócios da cidade param, como diz o ditado.

O Muggger parece que ficou agradecido da interrupção, pois prosseguiu com ímpeto:

- Oh, pela Direita e Esquerda do Gunga! nunca vi águas assim!

- Eram maiores que as da grande enchente da última estação? perguntou o Chacal.

- Muito maiores. Esta última enchente foi das tais que ocorrem cada cinco anos - alguns afogados, galinhas e lá um ou outro boi atolado na lama. Mas na estação de que estou falando o rio estava baixo, macio, igual e, como dissera o primo, inúmeros ingleses mortos nêlo boiavam, esbarrando uns nos outros. Eh, de tanto comer, encorpei nessa ocasião. De Agra, por Etawah, e de Allahabad...

- Oh, o rodaminho que se formou rente aos muros do forte de Allahabad! exclamou o Grou. Os cadáveres vinham ter ali como marrecas na tabua, e a regirar sumiam-se - assim...

O Grou pôs-se de novo a dançar a sua horrível dança, enquanto o Chacal olhava para ambos com inveja, porque não podia dizer nada daquele terrível ano da Revolta dos Sipaios(1), de que estavam a falar. O Muggger prosseguiu:

- Sim, em Allahabad eu ficava imóvel na água rasa, deixando que passassem vinte para pegar um; e, além do mais, os ingleses não andam sobrecarregados de jóias - pulseiras e anéis no nariz, como as minhas mulheres de hoje. «Deleitar-se com jóias é vir a ter colar de corda ao pescoço», como diz o

(1) As cenas contadas do ponto de visita do crocodilo, referem-se ao terrível episódio conhecido conto «The Indian Mutiny» a grande revolta das tropas nativas, ou <sepoys> (sipaios). em 1857. O massacre foi horrível e a repressão dos ingleses, violentíssima. Em consequência, cessou o funcionamento da East india Company e a Índia passou a ser governada diretamente pelo governo inglês.

ditado. Todos os mugggers dos arredores engordaram então, e o destino quis que eu engordasse ainda mais que os outros. Notícias me vinham de que os ingleses estavam sendo caçados; e, pela Direita e Esquerda do Gunda! nós sabíamos que eram verdadeiras; depois fui até além do Monghyr, lá onde há túmulos que olham para o rio.

- Conheço êsse lugar, disse o Grou. A partir dêsse tempo Monghyr tornou-se uma cidade morta. Muito pouca gente vive hoje lá.

- Depois subi lentamente a correnteza e, um pouco acima do Monghyr, topei descendo o rio um bote cheio de caras-brancas - vivos! Eram, lembro-me bem, mulheres deitadas debaixo dum toldo, chorando alto. Nenhum tiro foi desfechado contra nós, os guardiães dos pontos estratégicos. As carabinas andavam ocupadas em outra coisa, longe dali. Ouvíamos os seus tiros em terra, noite e dia, trazidos pelo vento. Ergui-me sôbre a água, bem defronte à embarcação, porque jamais havia visto caras-brancas vivos, embora mortos fôssem muito meus conhecidos. Um menino branco e nu ajoelhou-se a um dos bordos do barco e, inclinando-se, procurava atingir a água com a mãozinha. É uma linda coisa ver como as crianças gostam de brincar com água. Eu estava bem comido naquele dia e, conquanto ainda houvesse um pequeno espaço em meu estômago, foi mais por esporte do que por fome que me lancei sôbre aquela mãozinha. Tão clara era, que nem mais a vi quando abocanhei, e tão pequena que apesar do meu bocancho o menino a recolheu num movimento rápido, sem ferir-se. A munhequinha escapou-se por entre o vão das minhas prêsas. Errei. Eu devia ter abocanhado mais acima, junto ao ombro, mas, como já disse, fôra apenas por esporte e curiosidade que me movi àquele passo. Rompeu uma gritaria na embarcação e ergui-me de nôvo para observá-los. O bote era muito grande para ser revirado, e não oferecia perigo por só conter mulheres. Mas «Quem crê em mulheres caminha sôbre raizame de tabua no pântano», como diz o ditado, e, pela Direita e Esquerda do Gunga! quão verdadeiro é isto!

- Certa vez uma mulher me deu um couro de peixe sêco, disse o Chacal. Eu tinha tentado pegar seu filhinho - mas «comida de cavalo é melhor do que cascos de cavalo», como diz o ditado. Que é que essas mulheres fizeram?

- Uma delas atirou contra mim com uma arma de fogo muito curta, que eu ainda não conhecia e nunca mais vi. Cinco vêzes, um tiro depois do outro (o Muggger devia ter sido atirado com um revólver dos antigos); e fiquei de bôca aberta, com a cabeça envolvida em fumaça. Nunca tinha visto semelhante coisa. Cinco tiros, rápidos como o movimento da minha cauda, assim!

O Chacal, cada vez mais interessado na história, mal teve tempo de saltar de banda, quando viu a enorme cauda vir sôbre si qual foice.

- Após o quinto tiro, continuou o Muggger, muito naturalmente, como se não tivesse tido a menor intenção de colher com a cauda um dos seus ouvintes, só após o quinto tiro é que mergulhei, ainda a tempo de ouvir um dos que iam no bote dizer que com certeza eu estava morto. Uma bala penetrou-me na casca entre duas escamas do cangote. Podes ver aqui a marca, meu filho, testemunha de que minha história é verdadeira. Aproxima-te.

- Eu? exclamou o Chacal. Pode lá um roedor de sapatos velhos e ossos duvidar da palavra do Enviado do Rio? Que a minha cauda seja comida por cãezinhos recém-nascidos, se a sombra de tal pensamento me passou pela cabeça! O Protetor dos Pobres houve por bem informar a êste seu humilde servo que foi,

Produzido pela UEB/RS - Edição Impressa: Gestão 2001/2003 - Edição Digital: Gestão 2004/2006
certa vez na vida, ferido por uma mulher - e é o suficiente para que eu transmita a história aos meus filhos, sem curar de contraprovas.

- Excesso de civilidade é às vezes pior do que excesso de descortesia; porque, como diz o ditado, «a gente pode sufocar um hóspede com abraços». Eu não desejo que nenhum filho de chagal saiba que o Mugger de Mugger Ghaut teve o seu único ferimento na vida feito por mãos duma mulher. Eles terão muito em que pensar, se viverem na miséria em que vive seu pai.

- Está tudo esquecido! Não direi nada! Nunca houve nenhuma mulher branca que ferisse o Mugger! Nada, absolutamente nada aconteceu!

E isto dizendo o Chagal moveu a cauda de espanador para mostrar que tudo, absolutamente tudo, já estava varrido da sua memória, e sentou-se de nôvo com ar inocente.

- Na realidade muitas coisas aconteceram, continuou o Mugger, derrotado aquela noite em duas tentativas de caçar o seu amigo, (Sem malícia nenhuma, entretanto. Comer ou ser comido era a lei ao longo do rio, e o Chagal tinha vindo para a sua parte de lambisco no jantar do Mugger.) Deixei aquêl bote e subi o rio até alcançar Arrah, onde não mais boiavam inglêses. O rio passou



vazio algum tempo. Depois surgiram dois ou três cadáveres de túnicas vermelhas, não mais ingleses, apenas hindus e purbeeahs; depois apareceram cinco ou seis e finalmente, de Arrah para o norte, foi como se aldeias inteiras se tivessem metido n'água. Vinham de todos os lados, pelos ribeirões afluentes, como troncos de paus que derivam pelo tempo das chuvas. Quando o rio se erguia, êles também se erguiam em massa das corredeiras onde haviam encalhado; e a torrente da inundação os arrastava consigo através dos campos e da Jângal. Tôdas as noites, na minha viagem para o norte, fui ouvindo tiros de canhão e, de dia, o tropel de homens atravessando pontos de vau, e êsse barulho que os carros pesados fazem na areia do fundo d'água. Cada ondazinha trazia mais mortos. Por fim, até eu senti mêdo, e disse comigo: «Se isto está acontecendo com os homens, como poderá escapar o Mugger do Mugger-Ghaut?» Também havia barcos sem vela, ardendo e despejando fumaça, como às vêzes acontece com os que trazem algodão; mas nunca iam ao fundo,

- Ah! exclamou o Grou. Barcos como êsses existem na Calcutá do Sul. São grandes e negros; batem a água atrás de si com a cauda e...

- ... medem três vêzes o tamanho da minha aldeia, já sei. Mas os barcos que eu vi eram brancos e pouco fundos, e batiam a água dos dois lados, não sendo maiores do que os botes de quem fala a verdade. Causaram-me mêdo êsses botes, fazendo-me retornar a êste meu rio; vim, cauteloso, a ocultar-me de dia e a caminhar de noite, quando não havia nenhum curso d'água de que pudesse aproveitar-me. Cheguei por fim a minha aldeia, mas sem esperança de encontrar a gente que deixei. Encontrei-os a todos, entretanto, uns arando a terra, outros semeando, ou colhendo, ou indo e vindo pelos campos tão calmos como os seus bois.

- Ainda havia boa comida no rio? perguntou o Chacal.

- Mais do que eu necessitava. Até eu - e eu não sou nenhum comedor de lama - me sentia um pouco amedrontado daquela constante descida de silenciosos boiantes. Ouvi então dizer na aldeia que todos os ingleses haviam sido mortos; mas os que vinham sobre as águas de barriga para baixo não eram ingleses, como a minha gente bem viu. Então a minha gente murmurou que era melhor não dizer mais nada e pagar as taxas. Depois de algum tempo o rio limpou-se; os que sobre êle ainda apareciam boiantes não passavam de criaturas apanhadas pelas enchentes, como eu bem via; e, embora não fosse fácil por êsse tempo obter comida, senti-me satisfeito de que as coisas tivessem voltado a ser como dantes. Um pouco de matança aqui e ali não é mau - mas até o Mugger se cansa quando a mortandade é demais.

- Maravilhoso! Realmente maravilhoso! exclamou o Chacal. Cheguei a engordar só de ouvir a história de tanta comida. E depois disso, se me é permitido indagar, que foi que o Protetor dos Pobres fêz?

- Jurei a mim próprio que jamais sairia a aventurar naquelas bandas, e fiquei a viver cá junto ao Ghaut, perto desta minha gente que trago de olho há anos e anos. Eles me querem tanto que me lançam coroas de malmequeres à cabeça, sempre que a ponho fora d'água. Sim, o Fado tem sido muito bom para comigo, e também o rio, sempre respeitador da minha pobre e doentia presença; mas.

- Ninguém é totalmente feliz do bico à cauda, disse o Grou com simpatia. Que poderá querer o Mugger de Mugger Ghaut, além do que teve e tem?

- Oh, desejo e quero sempre aquela criança que não pude apanhar! Respondeu o Mugger com um suspiro profundo. Era muito pequenina, mas apesar disso jamais a esqueci. Sou um velho hoje, mas um velho que não quer morrer sem experimentar essa novidade. É certo que se trata de gente de pés duros (1), barulhenta e louca, e por isso o esporte não será grande; mas eu me lembro sempre dos velhos dias que passei acima de Benares, e se a criança ainda vive também deve lembrar-se de mim. Quem sabe se não anda agora a subir as **(1) Ingleses.**

margens dos rios, contando de como naquela vez a sua mãozinha escapou por entre as prêsas do Mugger de Mugger-Ghaut? Meu destino tem sido muito bom para comigo, mas êsse ponto me entristece - a lembrança do menino que me fugiu...

Depois de finda a lamúria, o Mugger bocejou.

- E agora vou descansar e meditar. Guardai silêncio, meus filhos, e respeitai a velhice.

O crocodilo voltou-se de lado e moveu-se para o topo duma duna de areia enquanto o Chacal e o Grou se dirigiam para a árvore perto da cabeça da ponte.

- Que vida agradável e proveitosa! comentou o chacal olhando interrogativamente para o Grou acima dêle repimpado num galho. Mas nem uma só vez - nota isto, amigo - me deu o Mugger qualquer indicação do ponto em que um sobejo seu foi deixado, e no entanto o tenho prevenido mil vêzes das boas coisas que descubro pelo rio. Como é verdadeiro o ditado - todo o mundo esquece o Chacal e o Barbeiro, depois das novidades contadas! Agora vai êle dormir! *Arrh!*

- Como pode um chacal ser companheiro de caça dum mugger? disse o Grou friamente. Ladrão poderoso e ladrãozinho: é fácil saber quem pega a prêsa.

O Chacal voltou-se, a uivar com impaciência, e ia deitar-se enrodilhado ao pé do tronco da árvore quando de súbito se encolheu, pondo-se a olhar para a ponte por entre os galhos, quase sôbre sua cabeça.

- Que há? perguntou o Grou, entreabrindo as asas.

- Vê!... O vento vai de nós para eles mas eles não estão olhando para cá - aquêles dois homens...

- Homens? Minha profissão me protege. Tôda a Índia sabe que sou uma ave sagrada. O grou é um comedor de carniça de primeira classe, de modo que o deixam errar pela terra livremente.

- Eu não valho um tiro; apenas valho pedradas, disse o Chacal, pondo-se à escuta. Repara nesta pegada, continuou. Não é de sola de couro indígena, mas de casco de cara-branca. Ouve! Barulho de ferro! Uma carabina! Meu amigo, os tais ingleses de pé duro e loucos vêm vindo para conversar com o Mugger...

- Avisa-o sem demora. O Mugger foi chamado Protetor dos Pobres, não faz muito tempo, por um certo chacal faminto...

- Não. Meu primo que se proteja como puder. Sempre lhe ouvi dizer que nada havia a recear dos caras-brancas. Aquêles dois homens devem ser caras-brancas. Nenhum da aldeia ousaria vir ter com o Mugger. Vês? Bem disse eu que era uma carabina! Antes que o dia venha iremos ter comida abundante. O Mugger não ouve bem fora d'água - e desta feita não se trata duma mulher...

Um cano luzidio brilhou à luz da lua na direção do Mugger, que jazia na duna de areia, quieto como sua própria sombra, as patas dianteiras abertas e a cabeçorra entremetida, a ressonar como. . . como um mugger.

Uma voz na ponte murmurou:

- Vise no pescoço! Deus! Que monstro! Os da aldeia vão ficar furiosos. Esse crocodilo é o *deota* da zona (sagrado).

- Não se incomode, respondeu outra voz. Ele já devorou cêrca de quinze dos meus melhores *coolies* quando a ponte estêve a construir-se; é tempo de dar cabo da peste. Ando a perseguí-lo de bote há já semanas. Conserve a Martini em pontaria enquanto descarrego meus dois canos.

- Cuidado com o coice! Tiro duplo não é brincadeira.

- Lá vai...

Soou um estrondo semelhante ao tiro dum pequeno canhão (a carabina de caçar elefante não difere muito da artilharia de pequeno calibre), seguido do duplo jato de fogo da Martini, cuja bala comprida atravessa brincando a mais dura casca de crocodilo. Mas as balas explosivas fizeram seu trabalho. Uma delas alcançou o Mugger no pescoço, a um palmo da espinha, enquanto a outra arrebetava um pouco abaixo, no comêço da cauda. Em noventa e nove casos em cem um crocodilo mortalmente ferido pode arrojarse à água e sumir-



se; mas o Muggger de Muggger-Ghaut ficara literalmente partido em três pedaços. Com dificuldade ergueu a cabeça por um instante, enquanto a vida o abandonava - e logo aplastou-se no chão, chato como um chacal.

- Trovão e relâmpago! Relâmpago e trovão! exclamou o miserável animalzinho. Será que a coisa que puxa os carros cobertos por cima da ponte também veio abaixo?

- Nada disso. Apenas tiro de carabina, disse o Grou, também aterrorizado, com as penas da cauda a tremerem. Apenas ca-ra-bi-na... O Muggger deve estar morto. Aí vêm os caras-brancas.

Os ingleses tinham descido da ponte a correr, e meteram-se para a duna, onde ficaram a contemplar o crocodilo, com muita admiração pelo seu desmesurado tamanho. Depois um indígena cortou-lhe a cabeça a machado e outros quatro o arrastaram dali.

- Já tive minha mão dentro da boca dum muggger, disse um dos ingleses (era o homem que havia construído a ponte), quando, com cinco anos apenas, descia o Gunga de bote, rumo a Monghyr. Chamavam-me «menino da Revolta». Minha pobre mãe, que estava na embarcação, atirou contra o monstro com uma velha pistola de meu pai.

- Muito bem. Você vingou a afronta neste chefe de clã embora ficasse com o nariz a sangrar do coice da arma. Olá, remadores! Puxem essa cabeça para aquele ponto acolá; vamos cozinhá-la para aproveitar o crânio. O couro está

Produzido pela UEB/RS - Edição Impressa: Gestão 2001/2003 - Edição Digital: Gestão 2004/2006
muito estragado; não vale a pena sacá-lo fora. E toca a dormir, que a noite está bem ganha. Valeu ter esperado, não?

Curioso! O Chacal e o Grou, três minutos depois que os homens se afastaram, fizeram a mesmíssima observação...

Canção da corrente

A corrente que desliza
À hora em que o dia declina
Roça a mão de uma menina
Ao passar o vau.

Pé mimoso e terno seio -
Leve-te a outra borda a sorte.
Moça, espera! disse o veio;
Espera um pouco! Eu sou a Morte!

Vou! Que o amado esta a esperar -
O amor seria um pecado. . .
Ele é um peixe a saltar
E que se revira ousado.

Pé mimoso e terno seio
Que uma barca te transporte
Moça, espera! disse o veio;
Espera um pouco! Eu sou a Mortel

Desejo ir ao meu amado -
O Desdem não é casado!

Quero o amor, disse a Donzela!
o Desdém não é casado
E eis que o veio em tomo dela
Turbilhona alucinado.

Mão fiel, sonso coração
Oh, pé que a terra tocou
Foge o veio em turbilhão.
O veio rubro ficou.



- 1 - Os Irmãos de Mowgli
- Quiquern
- 2 - As Caçadas de Kaa
- Toomai dos Elefantes
- 3 - Como apareceu o medo
- Jacala, o crocodilo
- 4 - O Milagre de Purun Baghat
- Servidores da Rainha
- Tigre! Tigre!
- 5 - Kotick, a Foca Branca
- Os Cães Vermelhos
- 6 - O Avanço da Jangal
- Rikki-Tikki-Tavi
- 7 - A Embriaguês da Primavera
- O Ankus do Rei